

Oração semanal

(5ª-feira, Tempo Comum 14)

Serra do Pilar, 13 julho 2017

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!

R. Ámen!

P. Senhor, vinde em nosso auxílio!

R. Senhor, socorrei-nos e salvai-nos!

P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo!

R. Como era no princípio, agora e sempre. Ámen!

Leitura do Evangelho de Mateus (8,1-4)

Ao descer Jesus do monte, seguia-o uma grande multidão. Veio então prostrar-se diante dele um leproso, que lhe disse: *Senhor, se quiseres, podes curar-me.* Jesus estendeu a mão e tocou-o, dizendo: *Quero; sê curado.* E imediatamente ficou limpo da lepra. Disse-lhe Jesus: *Não digas nada a ninguém, mas vai mostrar-te ao sacerdote e apresenta a oferta que Moisés ordenou, para que lhes sirva de testemunho.*

Salmo 38 - Oração de um Salmista doente

Tu és Cristo, Filho do Deus vivo, escuta-nos!

Não me repreendas, Senhor, com a tua ira,
nem me castigues com o teu furor.

Feriste-me com as tuas setas
e atiraste-me por terra!

No meu corpo, não ficou nada são;
dos meus ossos, nenhum ficou inteiro;

por causa da tua ira,
por causa das minhas culpas!

Estou afogado no mar dos meus pecados,
eles são carga demasiado pesada para mim;
as minhas chagas são fétidas e purulentas,
por causa da minha loucura!

Todo o dia ando triste, cabisbaixo e deprimido,
estou a arder de febre, tenho todo o corpo doente;
estou fraco e alquebrado,
grito muito alto as queixas do meu coração!

Senhor, tu conheces os meus desejos,
os meus suspiros não são segredo para ti!
O meu coração palpita forte;
até a luz dos olhos, infelizmente, me falta!

Meus amigos e companheiros afastam-se da minha desgraça,
os meus parentes conservam-se à distância;
os que querem tirar-me a vida preparam-me armadilhas,
insultam-me os que me querem perder e tramam-me maquinações !

Eu, porém, faço-me de surdo e não dou ouvidos,
simulo mudez e não abro a boca!
Sou como o que não ouve
e não pode falar em sua defesa.

Porque eu confio em ti, Senhor,
e tu me respondes, meu Deus!
Uma coisa te peço: não permitas se riam de mim,
não deixes que zombem, vitoriosos, da minha queda!

Na verdade, eu estou prestes a cair,
a minha dor não me larga um momento.
Vou confessar os meus pecados,
porque eles me encham de inquietação!

Os meus inimigos mortais são poderosos,
são muitos os que me odeiam sem razão!
Eles pagam-me o bem com o mal
e voltam-se contra mim, que procuro fazer o bem!

Não me abandones, Senhor;
meu Deus, não te afastes de mim;
Senhor, minha Salvação,
socorre-me e salva-me!

Glória ao Pai, o Deus compreensivo,
ao Filho, Jesus, o redentor,
e ao Espírito que transforma os corações
e que é a certeza da nossa Libertação!

A força curadora de Jesus

Em que altura é que Jesus descobriria a sua capacidade de curar? Seria a sua fé na misericórdia de Deus que o incentivou a aliviar o sofrimento dos doentes ou, pelo contrário, seria a descoberta do seu poder curador que o levou a anunciar a proximidade de Deus e a sua chegada salvadora? Nunca poderemos responder a este tipo de perguntas. Elas fazem parte do mundo secreto de Jesus.

O que é certo é que Jesus contagiava saúde e vida. As gentes da Galileia sentiam-no como alguém que curava, porque nele habitava o Espírito e a força curadora de Deus. Embora Jesus recorresse, uma vez por outra, a técnicas populares, como a saliva, o que nele era importante não era a maneira de proceder neste ou naquele caso, mas ele mesmo, ou seja, a força curadora que irradiava da sua pessoa. A gente não acudia a ele à procura de remédios ou receitas, mas para se encontrar com ele. O que era decisivo era o encontro com o curador. A terapia que Jesus punha em ação era a sua própria pessoa, o seu amor apaixonado pela vida, o acolhimento enternecedor que fazia a cada doente, a sua força para regenerar a pessoa desde o mais profundo do seu ser, a sua capacidade de contagiar a sua fé na bondade de Deus. O seu poder para despertar

energias desconhecidas no ser humano criava as condições que faziam possível a recuperação da saúde.

Na origem desta força curadora, e inspirando toda a sua atuação, estava sempre o seu amor compassivo. Jesus sofria ao ver o enorme distanciamento que havia entre aqueles homens, mulheres e crianças afundados na doença, e a vida que Deus queria para os seus filhos e filhas. O que o movia era o seu amor para com os que sofriam e a vontade que tinha de que experimentassem já na sua própria carne a misericórdia de Deus, que os libertaria do mal. Para Jesus, curar era a sua forma de amar. Quando se aproximava para despertar neles a sua confiança em Deus ou para os libertar do mal e devolver-lhes a convivência, Jesus estava a mostrar-lhes, antes de mais, que eram dignos de serem amados.

Por isso, curava sempre gratuitamente. Nada ambicionava para si próprio, nem sequer que os doentes se juntassem ao seu grupo de seguidores. A cura que suscitava a chegada de Deus era gratuita, e era também gratuitamente que os seus discípulos a teriam que oferecer. Este caráter gratuito resultava surpreendente e atraente. Toda a gente podia aproximar-se de Jesus sem ter de se preocupar com as despesas. Os doentes curados por ele tinham pouco a ver com a rica clientela que acudia aos deuses curandeiros. Jesus tinha o seu próprio estilo de curar. Fazia-o com a força da sua palavra e com os gestos das suas mãos. Jesus falava com o doente e manifestava-lhe a sua vontade de o querer curar. Era uma das suas características. Não pronunciava fórmulas secretas, nem falava entre dentes, como os mágicos. A sua palavra era clara. Todos a podiam escutar e entender. Ao mesmo tempo, *tocava* os doentes. As fontes cristãs repetem-no muitas vezes, matizando o seu gesto com expressões diversas. Uma vez, Jesus *agarrava* o doente para lhe transmitir a sua força e arrancá-lo à doença. Outras, *impunha as suas mãos* sobre ele, num gesto de bênção, para o envolver na bondade amorosa de Deus. Em algumas ocasiões, *estendia a sua mão, tocando-lhe*, para exprimir a sua proximidade, acolhimento e compaixão. Era assim que agia sobre os leprosos, excluídos da convivência. As mãos de Jesus abençoavam os que se sentiam malditos; tocavam os leprosos, que ninguém queria tocar; transmitiam força aos afundados na impotência e confiança aos que se consideravam abandonados por Deus; acariciavam os excluídos. Era assim o seu modo de curar.

Jesus não trazia somente uma melhoria física. A sua ação curadora ia mais além da eliminação de um problema orgânico. A cura do organismo

ficava englobada dentro de uma cura mais integral da pessoa. Jesus reconstruía o doente desde a raiz: suscitava a confiança em Deus, arrancava-o do isolamento e do desespero, libertava-o do pecado, devolvia-o ao seio do Povo de Deus e perspectivava-lhe um futuro de vida mais digno e saudável. De que maneira o fazia?

Jesus começava por reavivar a fé dos enfermos. De diversas maneiras, ele trabalhava a sua confiança na bondade salvadora de Deus, que, aparentemente, lhe tinha retirado a sua bênção. As fontes cristãs fazem disso prova como sendo o essencial da sua ação curadora: "Não tenhas receio; crê somente". "Tudo é possível a quem crê". "Filho, os teus pecados estão perdoados". Os relatos sugerem que, em certa altura, Jesus e o doente se fundiram numa mesma fé, ao ponto de o doente não se sentir mais só e abandonado. Acompanhado e apoiado em Jesus, foi-se abrindo confiadamente ao Deus dos pobres e dos perdidos. Quando faltava essa confiança, a ação curadora de Jesus ficava frustrada, como tudo indica ter acontecido na sua aldeia de Nazaré, onde não conseguiu curar ninguém, pois lhes faltava a fé. Quando, pelo contrário, o doente despertava para a confiança e se operava nele a cura, Jesus atribuíria abertamente tudo isso à sua fé: "Filha, a tua fé salvou-te; vai em paz e sê curada do teu mal". A fé pertencia, pois, ao próprio processo da cura. Jesus não curava para despertar a fé, mas pedia a fé para que a cura pudesse ter lugar. Esta fé não era fácil. O doente era chamado a esperar uma coisa que parecia superar todos os limites do possível. Ao crer, ultrapassava uma barreira e abandonava-se ao poder salvador de Deus. Não era fácil, compreendendo-se, por isso, o brado paradoxal do pai de um doente, que gritava a sua fé, mas reconhecia a sua incredulidade: *Eu creio! Ajuda a minha pouca fé!*

Jesus não exigia a fé no seu poder misterioso ou nos seus conhecimentos esotéricos, mas na bondade de Deus, que se aproximava para salvar do mal, despertando, inclusivamente, potencialidades desconhecidas, que, normalmente, não estão à disposição de um ser humano. E fazia-o não através do recurso à hipnose ou à magia, mas ajudando os doentes a acolherem a Deus no interior da sua experiência dolorosa. Jesus *trabalhava* o coração do doente para que confiasse em Deus, libertando-o desses sentimentos obscuros de culpa e de abandono por parte de Deus, como causa da doença. Jesus curava-o, semeando na sua vida o perdão, a paz e a bênção de Deus. Ao doente abria-se-lhe, assim, a hipótese de um coração novo e reconciliado com Deus.

Ao mesmo tempo, Jesus reconciliava-o com a sociedade. Doença e marginalização andavam tão estreitamente unidas que a cura só era efetiva quando os doentes se viam integrados na sociedade. Por isso, Jesus eliminava as barreiras que os mantinham excluídos da comunidade. A sociedade não devia ter medo deles, mas acolhê-los. As fontes cristãs descrevem de diversas maneiras a vontade de Jesus de devolver os doentes à convivência social: *Levanta-te, pega no teu catre e vai para tua casa; vai, antes, mostrar-te ao sacerdote e oferece pela tua purificação o estabelecido por Moisés, a fim de lhe servir de testemunho; vai para tua casa, para junto dos teus, e conta-lhes tudo o que o Senhor fez por ti e como teve misericórdia de ti.* Especialmente significativa é a maneira de agir com os leprosos, excluídos da comunidade por serem impuros. Propriamente, não pediam a Jesus que os curasse, mas que os *limpasse* e tivesse com eles aquela compaixão que não encontravam na sociedade. Jesus reagia com um gesto: estendia a mão e tocava-os. Aqueles homens e mulheres eram membros do Povo de Deus, tal como Jesus o entendia. Ao tocar-lhes, Jesus libertava-os da exclusão. O seu gesto estava cheio de intencionalidade. Não estava só a pensar na cura do doente, mas a lançar um apelo a toda a sociedade. Estava a chegar o reino de Deus. Era preciso refazer a vida de outro modo: os impuros podiam ser tocados; os excluídos tinham de ser acolhidos; os doentes não deveriam ser olhados com temor, mas com compaixão. Tal como fazia Deus.

(José Antonio Pagola. *Jesus, uma abordagem histórica*, pág. 167-171)

Oração final

Senhor,
os homens dizem-te ausente do século
ou a dormir na hora que passa,
e nós próprios às vezes duvidamos:
nunca te conhecemos bastante,
nunca te acreditamos.
Dá-nos, Senhor, a confiança da Fé
e não nos deixes embalar noutras seguranças.
Por Jesus, o Cristo, teu Filho e nosso Irmão,
na Unidade do Espírito Santo.

Ámen!